

# A gênese de Elena Ferrante

**Descobrir quem somos, quando somos mulheres, é uma trajetória por vezes mais complicada**

**Tatiana Salem Levy**

**Valor 04/02/2023**

Outro dia, na reunião de pais da escola do meu filho mais velho, eu parecia uma naufraga tentando me agarrar ao último pedaço de madeira no mar. Estava inconsolável diante da descoberta de que ele não aprenderia a escrever em letra cursiva. Nem todas as escolas são assim, mas a metodologia que escolhi para os meus - mania de coisas alternativas - não ensina letra cursiva há muito tempo. Eu parecia uma velha lamentando: “Eu sei que ninguém mais escreve cartas à mão; nem diários; nem notas; nem trabalhos; mas, mas...”.

Enfim, nada a fazer. Percebi que o problema da letra cursiva era um problema traumático. Todos ali, pais e professores, tinham passado por uma educação severa, cujas marcas se revelavam nas histórias de aprendizagem da escrita. Os cadernos com linhas azuis e margens vermelhas, onde as crianças deveriam repetir à exaustão as letras do alfabeto até aprenderem a caligrafia com primor, tornaram-se símbolo de horror. Ninguém naquela reunião queria o mesmo para seus filhos.

Poucos dias depois, deparei-me com o novo livro de Elena Ferrante, “As margens e o ditado: Sobre os prazeres de ler e escrever” (trad. Marcello Lino, Intrínseca). Furou a fila dos outros, como sempre acontece quando chega um livro dela, confesso. Este reúne três conferências escritas por Ferrante para as Eco Lectures, uma tradição de aulas magistrais na Universidade de Bolonha. Foram encenadas pela atriz Manuela Mandracchia, já que Ferrante mantém em segredo a sua identidade. Somando-se a esses ensaios há um quarto, “A costela de Dante”, em que ela revela seu amor pelo clássico italiano.

Ferrante inicia seu ciclo de conferências por nos falar - e até nos apresenta cópias - de seus cadernos da escola primária. Em contraste com Cecília, uma menina que lhe é muito cara, e recentemente escreveu seu nome de forma desordenada e o mostrou, com orgulho, a Ferrante, a lembrança do seu primeiro contato com a escrita remete a método, ordem e punição. Crescer era o mesmo que disciplinar a mão e aprender “a manter sobre a linha letras pequenas, redondas, e letras que se empinavam para o alto ou escorregavam para baixo”.

Quem se distraísse e ultrapassasse a margem esquerda ou a direita era punido. E isso aconteceu tantas vezes a Ferrante “que a noção de limite se tornou parte de mim e, quando escrevo à mão, sinto a ameaça daquele fio vermelho vertical, embora há muito tempo ele não exista mais nas folhas que uso”. Há coisas que acontecem na nossa infância que nunca mais conseguimos largar. Portanto, não é difícil de compreender que essas margens punitivas tenham sido ao mesmo tempo um aliado e um inimigo de Ferrante ao longo da sua vida de escritora. Todas nós, todos nós, temos demônios para assustar.

4Diz ela: “A minha ideia de escrita - e também todas as dificuldades que arrasto comigo - está relacionada à satisfação de ficar plenamente dentro das margens e, ao mesmo tempo, à impressão de uma perda, de um desperdício, por ter conseguido”. A partir desse comentário, ela vai tecendo tudo o que em sua formação foi prisão e liberdade, porque às vezes demoramos anos, décadas mesmo, para descobrir quem somos. E isso requer muito esforço, paciência, trabalho e alguns acasos.

Descobrir quem somos, quando somos mulheres, é uma trajetória por vezes mais complicada, tendo em vista que os caminhos que nos são oferecidos normalmente foram antes percorridos por homens. “Eu lia muito, e tudo o que me agradava quase nunca era escrito por mulheres. Das páginas, parecia sair uma voz masculina, e aquela voz me ocupava, eu tentava imitá-la de todas as maneiras”, escreve Ferrante.

Nas suas leituras de juventude, parecia-lhe que era preciso um milagre para que uma mulher pudesse dissolver as margens entre as quais se encontrava fechada para apresentar ao mundo a sua escrita. Outro paradoxo se instaurava: para ter a impressão de escrever bem, ela devia escrever como um homem, dentro da tradição masculina; mas, ao mesmo tempo, só poderia escrever como mulher “se violasse o que estava procurando diligentemente aprender da tradição masculina”.

Havia sempre essas duas forças: uma externa, a das margens, fossem as vermelhas dos cadernos, fossem as da tradição masculina; outra, interna, impetuosa, a que escrevia fora das linhas, feminina. Desde a época da escola primária, Ferrante escreve suas “historinhas” e tende a “transformar qualquer coisa em uma narrativa limpa, ordenada, harmônica, bem-sucedida. Entretanto, o clamor desarmônico permanece, sei que as páginas que por fim me convencem a publicar livros vêm dali”. A verdade de um texto é justamente o que atravessa a linha vermelha, o que escapa às margens, o que bagunça, suja, atrapalha a ordem.

“Para mim, a escrita verdadeira é isto: não um gesto elegante, estudado, mas um ato convulso”, afirma Elena Ferrante. Quem ficou vidrado nos volumes da “Tetralogia Napolitana” entende bem o que ela está falando. A amizade de Lila e Lenù era marcada por convulsões; quando a narrativa parecia caminhar numa direção linear, uma reviravolta mostrava o lado obscuro de uma ou de outra. Em “A filha perdida”, uma mãe tanto pode amar as suas filhas acima de tudo quanto pode abandoná-las. Em “Dias de abandono”, Olga é abandonada por Mario, mas seria simplista demais apresentá-la como vítima.

Na primeira de suas conferências, Ferrante cita um trecho dos diários de Virginia Woolf, em que ela transcreve uma conversa com Lytton Strachey. Quando Lytton lhe pergunta sobre o seu romance, Virginia responde: “Ah, enfio a mão dentro do pote e tiro na sorte o que vem”. Em seguida, acrescenta: “Sim, sou vinte pessoas”. Daqui, Elena depreende duas constatações: a de que escrever é um puro tentar a sorte e a de que a escrita não se prende a um “eu” singular.

Em outro trecho, Virginia escreve uma passagem igualmente bela: “Quando escrevo sou apenas uma sensibilidade”. Ser vinte pessoas é ser apenas uma sensibilidade. Não ser nenhuma, mas sentir como muitas. Sentir a “vida viva”, para usar o termo de Dostoiévski retomado por Ferrante, a vida pura, a vida pulsante, de que Clarice também tanto nos falava. Algo que não cabe entre duas linhas vermelhas.

Essa vida viva, pulsante, também a podemos chamar de real. Narrá-la é o que todo escritor quer. “Diga a coisa como ela é”, ordena o amo, em “Jacques, o fatalista, e seu amo”, de Denis Diderot. Mas não há tarefa mais árdua para um narrador do que esta.

Achei curioso o caminho da Elena Ferrante até chegar aos romances que ela publica, porque faço sempre um movimento parecido, e, ao ler suas conferências, fiquei me perguntando se essa não será uma trajetória de muitas mulheres. Durante muitos anos, ela só escreveu em terceira pessoa. Até o dia em que decidiu mandar um romance para uma editora pela primeira vez, e escreveu uma carta explicando a sua gênese. Terminou por não enviá-lo, mas a longa carta despertou nela a possibilidade da primeira pessoa. E, “de aspirante a um realismo absoluto”, ela se deu conta de que só poderia narrar o “lá fora” se também narrasse a si mesma, que também está “lá fora”.

Foi assim que Ferrante começou a escrever os livros que veio a publicar, passando “para uma primeira pessoa feminina que é pura escrita”. Se o conselho do amo de Jacques de “tentar dizer a coisa como ela é” pode se tornar paralisante, talvez a solução seja dizê-la como se pode “e, quem sabe, talvez eu tenha sorte e consiga dizê-la como é”.

**Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa, escreve neste espaço quinzenalmente**  
**E-mail: [tatianalevy@gmail.com](mailto:tatianalevy@gmail.com)**